

Serra Pelada faz 10 anos e ouro é cada vez mais raro

Guilherme Romão — 6.10.80

Ronaldo Brasiense

BRASÍLIA — O maior garimpo brasileiro em todos os tempos, Serra Pelada, localizado no sul do Pará, município de Curionópolis, está completando 10 anos. O sonho de muitas autoridades de que a produção de ouro do garimpo garantiria até mesmo o pagamento da dívida externa brasileira não se confirmou. Além do contrabando, que desviou mais de 60 toneladas, a produção oficial, de 41,1 toneladas, vendidas a US\$ 1,2 bilhão (preços atualizados), não seria suficiente sequer para pagar 10% do serviço da dívida brasileira. Foram 10 anos marcados por revoltas, assassinatos, desabamentos e muita exploração política.

Coube ao peão Aristeu Silva, o Ceará, anunciar a descoberta do garimpo nas terras do fazendeiro Genésio Ferreira da Silva. Aristeu encontrou algumas gramas de ouro numa área que denominou de Grotá Rica e espalhou a notícia em Marabá, a maior cidade daquela região. Em poucos dias, centenas de pessoas já se digladiavam na busca do enriquecimento fácil. Nos primeiros 15 dias do garimpo, a produção registrada foi de 8 quilos. No final de janeiro de 1980 havia mais de mil garimpeiros em Serra Pelada.

Corrida — Sem condições de conter a invasão de sua fazenda, Genésio Ferreira abriu uma pista de pouso, inaugurada dia 25 de março de 80, e passou a cobrar percentagem sobre o ouro extraído pelos garimpeiros. Foi a maior corrida do ouro na Amazônia na década de 80. Serra Pelada, em 1983, quando estava no auge, chegou a reunir 70 mil garimpeiros. A Rio Doce Mineração e Geologia (Docegeo), subsidiária da Companhia Vale do Rio Doce, que fazia pesquisas na região, montou uma barraca para comprar ouro. Quase toda a produção dos primeiros quatro meses do garimpo foi desviada.

Preocupado com a evasão de divisas e o descontrole do garimpo, o então tenente-coronel Sebastião Rodrigues de Moura, o Major Curió, o mais famoso agente do Serviço Nacional de Informações (SNI), que atuava no sul do Pará desde o início da década de 70, no combate à guerrilha do Partido Comunista do Brasil (PC DO B) no Araguaia, decidiu por conta própria fazer uma operação de apreensão do ouro.

Acompanhado de dois delegados da Polícia Federal, Curió tomou dos exploradores do garimpo 92.240 gramas de ouro, que levou de avião diretamente para Brasília, colocando todo o ouro apreendido na mesa do ministro-chefe do SNI à época, o general Octávio Aguiar de Medeiros. "Aí está a prova dos meus relatórios", disse ao seu superior hierárquico. "Temos que entrar em ação, já", sugeriu.

Intervenção — No mesmo dia, Curió fez uma exposição sobre Serra Pelada numa reunião onde estiveram presentes Ernane Galvêas, ministro da Fazenda; Gil Macieira, presidente da Caixa Econômica Federal; Francisco Dornelles, à época secretário-geral da Receita Federal, além dos generais Octávio Medeiros, Newton Cruz, chefe da agência central do SNI, e outros militares ligados à comunidade de informações. Naquele momento, decidia-se que o governo federal deveria intervir no garimpo. Curió recebeu plenos poderes e o SNI deixou de bisbilhotar a vida alheia para assumir uma função inédita em sua história: a coordenação de um gigantesco garimpo.

Montou-se um grande aparato governamental. "Pedi três Búfalos e um Hércules da FAB ao general Medeiros e fui atendido na hora", lembra Curió. "Desloquei o Hércules para apanhar armazéns da Cobal em Santos e Recife e no outro dia chegávamos ao garimpo com toda uma infraestrutura de governo para

reverter aquela confusão que reinava", acrescenta. No dia 5 de maio de 80, pela primeira vez um avião Búfalo pousava na pequena pista existente em Serra Pelada, com um trator a bordo. "A pista foi ampliada e conseguimos descarregar todo o material", lembra Curió.

Serra Pelada passou a contar então com agência da Caixa Econômica, que passou a ter exclusividade na compra do ouro, posto da Receita Federal, posto da Polícia Federal, com 16 agentes, armazém da Cobal e medicamentos da Ceme. Já havia, então, 30 mil homens buscando a fortuna no maior garimpo brasileiro. Curió criou novas leis no garimpo: proibiu armas, mulheres e bebida alcoólica, anunciou que a CEF pagaria aos garimpeiros o preço de mercado e instituiu deveres civicos. Todas as manhãs, a bandeira do Brasil era hasteada e os garimpeiros, mão no coração, cantavam emocionados o Hino Nacional.

Era de ouro — Foi em Serra Pelada que o então presidente da República, general João Baptista Figueiredo, teve uma das suas maiores manifestações de apoio em seu governo, sendo carregado nos ombros por humildes garimpeiros enlameados. Curió reinava soberano, expulsando do garimpo os que insistiam em usar armas de fogo ou bebida alcoólica. "Eu brinquei com os garimpeiros: aqui o revólver que fala mais alto é o meu", recorda.

Em outubro de 1981, o garimpo de Serra Pelada paralisou suas atividades pela primeira vez, para os trabalhos de rebaixamento dos barrancos. Voltou a funcionar no início de 82, quando chegaram a encontrar uma pepita de 19 quilos. Em 1983, o garimpo atingiu o auge de sua produção, com quase 14 toneladas e a descoberta de duas pepitas gigantescas — uma com 42 quilos e outra com 63,5 quilos. A partir de 1985, como previu um detalhado relatório do 5º distrito do Departamento Nacional da Produção Mineral (DNPM), Serra Pelada entrou num processo de decadência, apresentando produção aurífera cada vez mais reduzida, até chegar a míseros 280 quilos em 1989.

"Serra Pelada não vai deixar de existir, mas nunca mais apresentará uma produção como nos primeiros anos da década de 80", afirma o geólogo Every Aquino, coordenador do Projeto Ouro do DNPM no estado do Pará. "O DNPM expôs sua posição em trabalhos técnicos realizados na área e sempre denunciávamos a forma inadequada e os métodos ultrapassados de exploração", acrescentou. Somente em 1986 as mulheres tiveram acesso a Serra Pelada, graças à medida liminar concedida pela juíza de Marabá, Martha Inês de Lima à garimpeira Alzira Souza.

Conflitos — Ao longo dos anos, Serra Pelada conviveu com dezenas de mortes por desabamentos e assassinatos em brigas entre garimpeiros e mostrou uma concentração de renda sem similar em outras regiões de garimpo. Mil donos de barrancos ficavam com mais de 90% da produção de ouro, enquanto os 10% restantes eram divididos entre os mais de 70 mil garimpeiros, principalmente os conhecidos como *formiguinhas*, responsáveis pelo transporte do cascalho para as áreas de apuração do ouro, a grande maioria nordestinos.

Em quatro oportunidades os garimpeiros realizaram protestos contra o governo federal, interditando rodovias como a Belém-Brasília e a ferrovia de Carajás, exigindo pagamento do paládio, minério agregado ao ouro, depositado nos cofres do Banco Central. Houve, também, um ainda mal apurado massacre ao final de 1987, quando o governador do Pará, Hélio Gueiros, enviou tropas da Polícia Militar para desobstruir a ponte sobre o Rio Tocantins, em Marabá, fechada pelos garimpeiros.



Serra Pelada começou com mais de mil garimpeiros e em 1983 atingiu seu ponto máximo, com cerca de 70 mil

Sebastião Curió No auge, sua palavra era a lei

No início da década de 70 chegava ao sul do Pará um major do Exército mineiro, louro, de nariz afilado e muito conversador, com uma missão definida: descobrir o máximo de informações sobre um incipiente movimento guerrilheiro que se implantava na região do Rio Araguaia através de militantes do Partido Comunista do Brasil (PC DO B). Na época ele usava o nome Marco Antonio Luchini, mas era mais conhecido pelo codinome Curió. Quase 10 anos depois, com o nome verdadeiro, Sebastião Rodrigues de Moura, assumiu com mão de ferro a direção do garimpo de Serra Pelada, então a maior área de extração de ouro no país. Ele virou mito entre os garimpeiros e em 1982, com o Curió incorporado ao nome, elegeu-se deputado federal pelo PDS do Pará.

Hoje, aos 55 anos, morando numa bela mansão no Lago Sul de Brasília, uma das áreas mais valorizadas do Distrito Federal, com alguns cabelos grisalhos, Sebastião Curió ensaia novos vócos. Na sexta-feira passada, o ex-agente do Centro de Informações do Exército (CIE) e do Serviço Nacional de Informações (SNI), formado na Academia Militar de Agulhas Negras e na reserva remunerada do Exército no posto de tenente-coronel, pousou novamente no garimpo de Serra Pelada, onde não ia desde 1986. "Vou rever amigos, matar saudades e, com certeza, chorar também", confessou Curió.

Fama — Encerrada a guerrilha do Araguaia com a aniquilação total do movimento do PC DO B por tropas do Exército e Aeronáutica, Curió permaneceu na Amazônia, como agente do SNI. Ganhou fama ao assumir a coordenação do garimpo de Serra Pelada,



Brasília — Leopoldo Silva

Curió reivindica a 'paternidade' de Serra Pelada

em maio de 1980, de onde saiu dois anos depois para Brasília como segundo deputado federal mais votado do Pará e ostentando uma façanha: teve 6.994 votos entre os 7 mil eleitores cadastrados na Serra Pelada para as eleições de 15 de novembro de 1982.

"Ao chegar na Serra Pelada encontrei o prefeito, vereadores, comerciantes e até mesmo um padre garimpendo", recordou Curió. "Em certa ocasião tive que enfrentar um pistoleiro e promovi o primeiro julgamento popular no garimpo. Os garimpeiros pediram a pena de morte, mas eu decidi pela expulsão do pistoleiro". Para manter a organização do garimpo, Curió organizou uma grande rede de informantes e chegou a prender um tenente-coronel da Polícia Militar do Pará que cobrava propinas dos garimpeiros. Curió construiu a estrada de 48 quilômetros que liga Serra Pelada à rodovia de acesso a Marabá e foi o responsável pelo nascimento de uma cidade, Curionópolis, hoje com mais de 30 mil habitantes.

Candidatura — Em abril de 1982, Sebastião Curió foi chamado às pressas ao Palácio do Planalto. "Fui para o uisquezinho das sete. Lá encontrei,

além do presidente Figueiredo, os generais Octávio Medeiros e Newton Cruz. O Figueiredo apontou o dedo para a minha cara e disse: — Você vai ser candidato. Eu perguntei se era uma missão e os três generais confirmaram. Decidi, então, ser candidato", contou. Por causa de seu prestígio entre os garimpeiros, Curió foi convocado por Figueiredo para fazer campanha pelo atual senador Edison Lobão, em vários municípios do Maranhão, estado que fornecia a maioria dos garimpeiros de Serra Pelada. Curió levou Figueiredo em Serra Pelada, onde foram recebidos com uma salva de 80 mil foguetes.

"Eleito deputado federal, fui novamente convocado ao Planalto e o presidente Figueiredo me entregou um discurso pronto. — Você vai ler esse discurso no Congresso — ordenou. Li o discurso, que era para anunciar o fim do garimpo, e explodi. Não vou fazer esse discurso, não. Aí o Figueiredo me jogou na cara que ele me tinha feito deputado. Eu respondi: — Quem me fez deputado foi o povo." A partir desse diálogo Curió rompeu com Figueiredo, com quem teve várias brigas até o final de seu governo.

Sebastião Curió apresentou na Câmara o projeto que criou, pelo prazo de cinco anos, a reserva garimpeira de Serra Pelada. Teve de desencadear um movimento entre os garimpeiros, com a obstrução de estradas e ameaças de saques, para forçar o então presidente Figueiredo a retirar o veto a seu projeto. "Alguns garimpeiros chegaram a incendiar casas em Parauapebas, o que foi um erro", reconheceu. "Só aceitei comandar a desobstrução das estradas quando o ministro Abi-Ackel, o senador Aloysio Chaves e o deputado Nelson Marchezan me asseguraram que Figueiredo retiraria o veto ao projeto e se comprometeram a renunciar a seus mandatos se o presidente voltasse atrás".

Livro — "A Serra Pelada é minha filha e ninguém pode me negar essa paternidade", afirmou Curió, que tentará voltar a Câmara nas eleições de outubro. Sua proposta para Serra Pelada é a implantação de uma lavra mecanizada, sob controle da Cooperativa de Garimpeiros, tendo ao lado novas áreas para garimpagem manual. "Sai engraxate de Minas Gerais, sem pai, pelo país afora. Fui aspirante na Aman em dezembro de 1958 e sai da política acidentalmente", disse Curió, lembrando de uma queda de cavalo que provocou a fratura de uma vértebra a três meses das eleições de 1986. "Fui obrigado a retirar minha candidatura à reeleição".

Curió promete escrever um livro sobre a guerrilha do Araguaia. O projeto é antigo: "Um ministro do Exército me pediu para que eu escrevesse um livro mas quando eu falei sobre o que pretendia escrever ele mudou de ideia". Decidiu a retomar a ideia do livro, ele antecipou o que vai contar. "Só posso dizer que no meu livro vou pintar o Osvaldão (um dos líderes do PC DO B na guerrilha) bastante diferente do que se tem falado. Mostrarei que a Sônia (guerrilheira morta em troca de tiros com o Exército) teve uma atuação bem mais marcante do que registra o livro que o PC DO B fez sobre a guerrilha e que o José Genóino, ao ser preso por mim, delatou seus companheiros. Vou mostrar a outra face da moeda". (R.B.)